

La Comédiathèque

SeXTA-FeirA 13

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:**
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>

Sexta-Feira 13

Jean-Pierre Martinez

Tradução e adaptação pelo próprio autor

Pedro e Carlos, um casal de homens, convidaram Alice e Jorge para jantar. Mas Jorge aparece sozinho, destroçado: acaba de saber que o avião que trazia a mulher, Alice, de volta ao Porto desapareceu no mar. Enquanto aguardam notícias para saber se Alice está entre os sobreviventes, Pedro e Carlos descobrem que ganharam o primeiro prémio do Euromilhões naquela sexta-feira 13. A palavra de ordem passa a ser: disfarçar a alegria.

Uma noite agitada, repleta de reviravoltas imprevisíveis...

Esta comédia de sucesso já foi representada nos palcos de todo o mundo (Paris, Avignon, Madrid, Nova Iorque, Los Angeles, Miami...).

PERSONAGENS

Pedro
Carlos
Jorge
Alice (opcional)

Estão disponíveis outras adaptações desta peça para elencos de um homem e duas mulheres, dois homens e uma mulher ou três mulheres.

Sala de estar de um apartamento de um casal urbano de ideias progressistas. Um quadro de pintura contemporânea está encostado à parede, no chão. O resto das coisas já está empacotado. Num canto, uma árvore de Natal enfeitada. A sala está vazia. O telefone toca e ouve-se a mensagem do atendedor de chamadas:

Pedro (voz off) – Olá! Ligou para casa do Pedro e do Carlos. Neste momento estamos detidos pela Polícia Judiciária por suspeitas de fraude fiscal. Pode deixar uma mensagem depois do sinal. Ligamos-lhe assim que sairmos da esquadra. É a sua vez de falar...

Ouve-se o sinal, seguido da gravação de uma mensagem.

Alice (voz off) – Olá, sou eu, a Alice. Está tudo bem? Que parvoíce, não podes responder... Olha, mantém-se tudo combinado para logo, mas...

Pedro entra com um saco de compras numa mão e uma baguete debaixo do braço. Carregado como está, não se dá ao trabalho de atender e escuta o resto da mensagem.

Alice (voz off) – ... devemos chegar lá para as oito e meia. O meu avião aterra no aeroporto Francisco Sá Carneiro. Ainda tenho de apanhar o metro, deixar a mala em casa e seguir de carro com o Jorge... Ah, e obrigada por me terem emprestado a mala. Levo-a para vos devolver. Pronto, até já! E não se ponham com grandes coisas, sim? É só um jantar entre amigos...

Pedro deixa as compras na cozinha e regressa com uma caixa de vinho barato, daquelas com torneira. Tira o casaco, vai buscar um decantador a um armário e enche-o com a ajuda de um funil. Entra Carlos, que dá um beijo na boca a Pedro.

Carlos – Olá! Tudo bem?

Pedro – A Alice ligou. Vão chegar um bocadinho atrasados.

Carlos – Ainda bem. Nós também estamos atrasados...

Carlos tira o casaco.

Carlos – Está um gelo aqui dentro! Ainda faz mais frio do que lá fora...

Pedro – Desliguei o aquecimento. Não era suposto pouparmos?

Carlos repara finalmente no que ele está a fazer.

Carlos (admirado) – O que é que estás a fazer?

Pedro – A pôr o vinho a respirar. Dizem que fica melhor se o deixarmos um bocado no decantador.

Carlos – Também não era preciso comprar um grande vinho... Sinceramente, preferia poupar no vinho e ter a casa aquecida.

Pedro – É vinho de mesa. Não me perguntes de que terra. Da União Europeia, duvido. Um euro e vinte e quatro o litro, em promoção no supermercado. Edição especial de Natal...

Carlos – Então para que é que o estás a decantar?

Pedro (*irónico*) – Foi o escanção do supermercado que me aconselhou. Para este néctar precioso libertar todos os aromas de frutos vermelhos e baunilha. E, com sorte, um leve sabor a uva... (*Voltando ao normal.*) Que achas? Preferes que ponha a caixa do vinho em cima da mesa?

Carlos – Ah, está bem...

Pedro – E não lhe faz mal apanhar um bocadinho de ar, a esta zurrapa. É como a água da torneira: convém deixá-la repousar, para os gases tóxicos se evaporarem e os metais pesados assentarem no fundo...

Carlos – Foste às compras?

Pedro – Trouxe uma tarte de alcachofras congelada. É só pô-la no forno.

Carlos – Uma tarte de alcachofras?

Pedro – Também estava em promoção... Com uma salada, fica ótimo...

Carlos – Pronto, vou tratar dos aperitivos.

Carlos começa a tirar copos do armário.

Carlos – Passaste pelo centro de emprego?

Pedro – Passei...

Carlos – E então?

Pedro – Propuseram-me um estágio...

Carlos – Um estágio...?

Pedro – Na restauração.

Carlos – Ótimo! Não era isso que querias?

Pedro – Na restauração de quadros...

Carlos – De quadros? Mas tu tiraste o curso de hotelaria!

Pedro – No centro de emprego devem ter confundido as coisas.

Carlos – Disseste-lhes que eras chefe de cozinha? Que é que responderam?

Pedro – Que hoje em dia temos de saber fazer de tudo...

Carlos – É inacreditável. Antes de seres despedido, enquadravas uma equipa de cozinheiros num hotel. E agora, num ateliê de restauro, o que é que vais enquadrar?

Pedro – Os quadros... Mas não te preocupes: cá em casa continuo a ser o teu chefe de cozinha.

Carlos – És um idiota. E foste lá?

Pedro (*voltando-se para o quadro*) – Aproveitei para mandar avaliar a nossa obra de arte...

Carlos – Essa porcaria que compraste por uma fortuna ao teu amigo das Belas-Artes, há dez anos?

Pedro – Foi depois da primeira tentativa de suicídio dele. Quis ajudá-lo. E pensei que o quadro só podia valorizar...

Carlos – Se ao menos desse para pagar o aquecimento... Então quanto é que vale a obra-prima, segundo o restaurador?

Pedro – Uns cem euros, por aí...

Carlos – Pagaste mil e quinhentos!

Pedro – Olha o que aconteceu à cotação do Van Gogh depois de ele morrer!

Carlos – Só nos resta esperar que esse génio da pintura acerte na próxima tentativa de suicídio, antes de morrermos nós de frio... Nem sequer podemos esperar que a moldura valorize: não tem moldura.

Pedro – Esse é o problema da arte moderna...

Carlos – Ao menos espero que a Alice nos devolva os mil euros que tão generosamente lhe emprestaste. Dava para pagar o armazém onde vamos guardar os móveis, enquanto esperamos pela casa municipal que o teu amigo vereador nos prometeu... Já lhe falaste nisso?

Pedro – A quem?

Carlos – À Alice! Dos nossos mil euros!

Pedro – Não sei se é boa altura... Ela também está a passar um mau bocado. A empresa de eletrodomésticos transferiu-a para um centro de atendimento em Faro. Estás a imaginar? Faro! Ela, que era diretora de recursos humanos na Boavista... E o Jorge, com o ordenado de professor a meio tempo...

Carlos – Pois eu faço três meios tempos! E mesmo assim não conseguimos pagar as contas!

Pedro – Está bem. Hoje à noite falo com ela...

O telefone toca.

Carlos – Devem ser eles... (*Atende.*) Estou...? Olá, Jorge! Tudo bem? Ah, está bem... Não, não há problema... Sim, esperamos por ti... Até já! (*Desliga.*) Era o Jorge...

Pedro – Olha que surpresa. Assim que disseste «Olá, Jorge», desconfiei logo que era ele...

Carlos – O avião da Alice está atrasado. Ele vem já sozinho, de carro...

Pedro – E ela?

Carlos – Deixou-lhe uma mensagem no telemóvel para vir ter diretamente cá. Começamos os aperitivos sem ela...

Pedro – Também, quem é que se lembra de apanhar um avião para vir de Faro?

Carlos – Sobretudo com aquela escala em Londres... Mas agora, com as low cost, um voo de ida e volta a Faro pode custar menos do que um bilhete de metro...

Pedro aproxima-se de Carlos e abraça-o.

Pedro – Vá, havemos de dar a volta a isto.

Carlos – Claro... E enquanto estivermos juntos, nada de mal nos pode acontecer, pois não?

Pedro – Prefiro beber vinho de mesa contigo a beber Veuve Clicquot com outra pessoa qualquer.

Carlos – Sinto que a sorte vai mudar. Está quase aí o Natal. E hoje é sexta-feira 13, não é?

Pedro – Se calhar ainda nos sai o Euromilhões.

Carlos – Mas nós nem jogamos...

Pedro – Olha que joguei. Fiz uma aposta quando fomos visitar a tua mãe a Aveiro. Usei os números da minha inscrição no centro de emprego...

Carlos – Agora sim, fico descansadíssimo...

Beijam-se.

Pedro – E o Jorge? Já vem a caminho?

Carlos – Há um quarto de hora que anda às voltas lá em baixo à procura de lugar para estacionar...

Pedro – Pois... Nesta zona, a esta hora...

Carlos – Se tivessem um Smart como nós, em vez daquele Mercedes enorme, ele estacionava num instante...

Pedro – Têm dois filhos. Num Smart só cabem duas pessoas.

Carlos – Um carro pequeno chegava-lhes! Julgava que estavam com dificuldades de dinheiro...

Pedro – O que ele precisava era de aprender a estacionar...

Carlos começa a tirar garrafas do armário. A campainha toca.

Carlos – Estás a ver? És um língua de trapos. Afinal conseguiu estacionar. Vais abrir?

Pedro abre a porta.

Pedro – Olá, Jorge! Que se passa contigo? Estás branco como a cal. Parece que viste um morto...

Jorge entra com Pedro. Traz uma garrafa de champanhe na mão e está visivelmente arrasado.

Jorge (a chorar) – Nem imaginas como acertaste...

Carlos aproxima-se, alarmado.

Carlos – O que se passa, Jorge?

Jorge – Ia desligar o rádio do carro para sair. Estavam a dar as notícias... O avião da Alice despenhou-se no mar...

Pedro – No mar?

Carlos – Tens a certeza de que era o avião dela?

Pedro – Vinha de Faro...

Jorge – Era um voo low cost com escala em Londres. Disseram o número do voo e o nome da companhia. Não há dúvida nenhuma. O avião desapareceu sobre o canal da Mancha...

Jorge desata a soluçar. Pedro e Carlos trocam um olhar desorientado.

Carlos – Calma, pode ser que a encontrem...

Pedro – O canal da Mancha não é assim tão grande...

Carlos – Se calhar o piloto conseguiu amarrar...

Pedro – Entre dois petroleiros...

Carlos – Já aconteceu...

Pedro – Poucas vezes, mas já aconteceu...

Jorge – Acham mesmo que sim...?

Carlos – O que disseram na rádio? Disseram que não havia sobreviventes?

Jorge – Ainda não sabem...

Carlos – Então estás a ver!

Pedro – E o avião continua a ser o meio de transporte mais seguro do mundo! Segundo as estatísticas, a probabilidade de morreres num acidente de avião é de uma em um milhão. Mais ou menos a mesma de ganhares o Euromilhões. Portanto...

Carlos lança-lhe um olhar horrorizado.

Jorge (desfeito) – E tinha logo de calhar à Alice... Eu bem lhe disse para não viajar de avião numa sexta-feira 13...

Pedro – Enfim, é só o canal da Mancha... Ao menos encontram as caixas negras...

Jorge volta a chorar.

Jorge – Meu Deus, que vai ser de mim sem ela? E os miúdos? E o empréstimo da casa?

Pedro e Carlos trocam um olhar de impotência, sem saberem o que dizer.

Jorge (patético) – E ainda por cima devemos-vos mil euros...

Carlos – Jorge, por amor de Deus! Agora isso não interessa!

Jorge estende a Pedro a garrafa de champanhe.

Jorge – Tinha-vos trazido isto para agradecer... Se eu soubesse...

Pedro – Veuve Clicquot... Olha que não te poupaste...

Jorge – Isto é um pesadelo. Digam-me que não é verdade!

Pedro – Não será uma partida de mau gosto?

Carlos fulmina-o com o olhar.

Carlos – Anda, senta-te. Vamos ligar a televisão e saber mais alguma coisa, está bem?

Carlos liga a televisão. Estão a dar publicidade.

Locutor (*voz off*) – Sabe qual é a diferença entre estes dois caixões? O preço! Funerária Preço Certo: morrer já custa que chegue... (*Carlos muda de canal.*) Leão: hoje não vai ser o seu dia de sorte...

Jorge – Eu sou Leão...

Locutor (*voz off*) – Evite viajar...

Carlos – Mas não eras tu que ias no avião...

Locutor (*voz off*) – Se tiver mesmo de viajar, prefira o comboio ao avião...

Jorge – A Alice também é Leão...

Carlos – Mais vale ligar o rádio...

Locutor (*voz off*) – ... sessenta milhões de euros. É o prémio acumulado do Euromilhões desta sexta-feira 13. O sorteio é já a seguir... (*Carlos muda de estação.*) Continuamos sem notícias do voo 32 bis da companhia Voe Connosco para o Paraíso, proveniente de Faro com destino ao Porto, via Bruxelas e Londres...

Jorge – Estão a ver? É o voo dela...

Locutor (*voz off*) – O piloto terá emitido um pedido de socorro pouco antes de desaparecer dos radares. Voltaremos às notícias assim que houver novidades...

Carlos desliga o rádio.

Carlos – Só podemos esperar... Não há mais nada a fazer, por enquanto. Vou servir-te um copo. Faz-te bem.

Pedro – Mas não vamos abrir o champanhe, pois não...?

Jorge (*olhando para o decantador*) – Bebo um copo de vinho. Já está aberto...

Carlos – Tens a certeza de que não preferes outra coisa?

Jorge – Está bem assim, a sério...

Pedro serve um copo de vinho a Jorge, que o bebe de um trago, perante os olhares preocupados dos outros.

Jorge (*para Pedro*) – Estás a ver? Com o que me aconteceu, já nem sinto o gosto das coisas... Nem consigo apreciar um bom vinho...

Pedro – Pois...

Jorge – Meu Deus! A minha mãe!

Carlos – Ela também estava no avião?

Jorge – Os miúdos estão com ela. Se virem as notícias...

Jorge marca apressadamente um número no telemóvel.

Jorge – Estou, mãe? Sim, já sei... Os miúdos não estão a ver televisão, pois não? Já estão na cama? *(Suspira, aliviado.)* Não, agora não me apetece falar disso. Eu volto a ligar... Guarda as condolências para depois. Ela ainda não morreu, pois não? Sim, pode ser, mas ainda não sabemos, portanto... E tu sempre a detestaste! Quantas vezes disseste que não era mulher para mim? Que eu arranjava melhor? E sabes que mais? Vai à merda!

Jorge desliga, furioso. Pedro e Carlos observam-no, constrangidos e solidários.

Jorge – Nunca suportou a Alice. Aposto que, lá no fundo, até está contente...

Carlos – Não digas isso...

Jorge – No dia do nosso casamento, inventou que o meu pai estava doente só para não ir à cerimónia...

Pedro – Mas o teu pai estava mesmo doente, não estava? Morreu uns meses depois...

Jorge – Sim. No dia em que nasceu o Martim. Só para me chatear...

Carlos – Queres que te vá buscar um calmante?

Jorge – Desculpem estar a massacrar-vos com isto. Não quero estragar-vos a noite. *(Levanta-se.)* É melhor ir-me embora...

Carlos – Oh, Jorge! Somos amigos, não somos? Para que servem os amigos, se não podemos contar com eles numa altura destas?

Jorge *(voltando a sentar-se)* – Eu sabia que podia contar convosco... E, francamente, não me apetece ficar sozinho em casa, em frente à árvore de Natal, agarrado ao rádio, à espera de saber se sou viúvo...

Pedro – Talvez devêssemos ouvir se há novidades...

Jorge – Nem sei se quero saber... *(Pausa.)* Vá, liga.

Carlos – Está bem.

Carlos volta a ligar o rádio.

Locutor *(voz off)* – ... Aviões que sobrevoam a zona detetaram uma grande mancha de combustível à superfície da água. Ainda não sabemos se provém do avião da companhia Voe Connosco para o Paraíso, que terá caído no canal da Mancha há cerca de uma hora. Tentamos estabelecer contacto com o nosso enviado especial, que se encontra a bordo de um dos helicópteros de salvamento... Entretanto, e sem relação nenhuma, os resultados do Euromilhões...

Jorge – Uma mancha de querosene... Então o avião caiu mesmo... Como é que pode haver sobreviventes?

Pedro e Carlos não sabem como consolá-lo.

Locutor (*voz off*) – ... Os cinco números sorteados são 1, 5, 12, 27 e 39. E as duas estrelas: 6 e 10...

Pedro fica petrificado.

Carlos – Se o piloto conseguiu amarrar, algumas pessoas ainda podem ter saído antes de o avião se afundar...

Locutor (*voz off*) – O feliz contemplado vai receber a bonita soma de sessenta milhões de euros. Dinheiro suficiente para olhar o futuro com...

Carlos desliga o rádio.

Pedro – É...

Jorge – O quê?

Pedro – Nada. Não é nada...

Carlos – Já andaste de avião. Lembras-te do que dizem as hospedeiras antes da descolagem? As máscaras de oxigénio que caem do teto, os coletes de salvação debaixo dos bancos, as saídas de emergência, as rampas de evacuação... Há procedimentos para estas situações. Está tudo previsto...

Pedro tira discretamente do bolso o cartão de inscrição no centro de emprego e consulta-o.

Jorge – As assistentes de bordo... Tu sabes tão bem como eu que ninguém ouve o que elas dizem...

Pedro – Foda-se!

Jorge – O Pedro, por exemplo. Tu sabes o que elas dizem?

Pedro é apanhado de surpresa.

Pedro – O quê? Quem?

Jorge (*para Carlos*) – Estás a ver? O que é que eu dizia?

Carlos (*para Pedro*) – As hospedeiras. O que é que dizem antes da descolagem? Em caso de... despressurização da cabine.

Pedro (*à beira de um ataque de nervos*) – Os... os paraquedas debaixo dos assentos, os tubos de mergulho que caem do teto, as barbatanas no porta-luvas, essas coisas?

Carlos lança-lhe um olhar de reprovação.

Carlos (*para Jorge*) – E ninguém te telefonou?

Jorge – A Alice deve estar no fundo do canal da Mancha. Como é que me havia de telefonar?

Completamente ausente, Pedro volta a ligar a televisão.

Locutor (*voz off*) – Repetimos os resultados do Euromilhões desta sexta-feira 13: 1, 5, 12, 27, 39. Estrelas 6 e 10. O primeiro prémio ascende a sessenta milhões de euros...

Pedro volta a examinar o cartão de inscrição.

Pedro – Foda-se...

Carlos desliga a televisão.

Carlos – Não, eu queria dizer... Há de haver uma equipa de apoio psicológico. Nestes casos há sempre uma equipa que informa as famílias, dá apoio... Enfim, essas coisas...

Pedro (*para Carlos*) – Posso falar contigo?

Carlos – O que é?

Pedro – A sós...

O telemóvel de Jorge começa a tocar.

Carlos – Estás a ver? Devem ser eles...

Jorge – Não sei se quero saber...

O telemóvel continua a tocar.

Carlos – Queres que atenda por ti?

Jorge – Sim, por favor...

Carlos atende.

Carlos – Estou... Sim... Não... Ah, percebo... A sério? Não, não... Sim, sim, claro, ficamos muito contentes. Está bem. Obrigado...

Carlos desliga.

Jorge – Então?

Carlos (*como que em transe*) – Era o ginecologista da Alice... Por causa das análises ao sangue...

Jorge – E então?

Carlos – Pois... Ela está mesmo grávida...

Jorge (*desfeito*) – Meu Deus...

Carlos – Não sabias?

Jorge – Não...

Carlos – Deve ter querido fazer-te uma surpresa... Queres mais um copo de vinho?

Jorge – Acho que preciso...

Carlos volta a encher o copo de Jorge.

Pedro (*para Carlos*) – Ouve, tenho mesmo de te contar uma coisa...

Carlos (*para Pedro*) – Achas que esta é a melhor altura?

Pedro – É muito importante, a sério...

O olhar de Jorge detém-se no quadro.

Jorge – Que quadro esquisito... Não acham?

Carlos – Sim... Um bocadinho...

Carlos entrega-lhe o copo.

Jorge – O sujeito que pintou isto devia estar completamente deprimido. *(Para Pedro.)* É teu amigo?

Pedro – Mais ou menos... Acho que é húngaro.

Jorge – Ah, percebe-se. *(Para Pedro.)* Suicidou-se?

Carlos – Ainda não, infelizmente...

Jorge esvazia o copo de um trago.

Jorge *(para Carlos)* – Olha, serve-me outro...

Carlos – Se calhar é melhor não beberes tanto. No teu estado...

Pedro *(sem saber o que dizer)* – Então vão ter mais um bebé?

Carlos fulmina-o com o olhar.

Pedro *(para Carlos)* – Preciso mesmo de falar contigo...

Jorge – Tens razão, já estou meio zozzo. Vou apanhar um bocado de ar à varanda.

Carlos – Queres companhia?

Jorge – Obrigado, prefiro estar sozinho um bocadinho...

Carlos – Está bem.

Jorge sai para a varanda. Pedro espera, impaciente, que ele desapareça.

Pedro – Nem imaginas o que nos aconteceu!

Carlos *(distráido)* – Grávida... Já viste?

Pedro – Quem está grávida?

Carlos – A Alice!

Pedro – Mas isso é maravilhoso! Há um quarto de hora não me fazia diferença nenhuma, mas agora tudo me parece maravilhoso. Sabes porquê?

Carlos – Maravilhoso? O Jorge acaba de saber que a mulher desapareceu num desastre de avião e que está à espera de um filho dele...

Pedro – Como é que sabes que o filho é dele?

Carlos *(espantado)* – Sei lá... Como os outros dois filhos são do Jorge e ele é o marido dela, foi o primeiro nome que me ocorreu. Um disparate, não é?

Pedro – Mas não é isso que interessa agora. Sabes de uma coisa?

Carlos – O quê?

Pedro – Ganhámos!

Carlos (*olhando para a varanda*) – Meu Deus!

Pedro – Dá um choque, não dá?

Carlos – O Jorge! Está a passar uma perna por cima do parapeito!

Pedro volta-se e vê o que está a acontecer.

Pedro – Foda-se! Este tipo não nos vai largar... Que salte, pronto. Estamos no primeiro andar, não se magoa assim tanto...

Sem lhe prestar atenção, Carlos aproxima-se da janela.

Carlos – Jorge, por favor! Não faças isso! Pensa nos teus filhos! Estamos no Natal!

Jorge – Promete-me que, se eu saltar, tomas conta dos miúdos. Não os deixes ir para uma instituição, sim?

Carlos – Sim, prometo...

Pedro – Era só o que faltava...

Carlos – Quer dizer, não saltes! (*Para Pedro.*) Diz-lhe qualquer coisa!

Pedro – Os miúdos têm a avó, não têm?

Jorge – Prefiro que vão para uma instituição.

Carlos – Devíamos chamar os bombeiros...

Pedro – Não há incêndio nenhum. Vou tirá-lo dali...

Jorge – Se se aproximarem, salto!

Carlos – O que fazemos?

Pedro – Espera, já venho...

Carlos – Não me deixes aqui sozinho!

Pedro desaparece pelo corredor.

Jorge (*patético*) – Também vou cair lá em baixo. Como um avião sem asas. Vou juntar-me à minha Alice...

Carlos – Achas que era isso que ela queria? De certeza que preferia que ficasses vivo para cuidar dos vossos filhos. E imagina que afinal não morreu. Chega, toca à campainha e vê-te estendido no chão, debaixo da varanda...

Não se ouve a campainha da porta, mas o telemóvel de Jorge.

Carlos – Estás a ver? Pode ser ela! Vá, atende!

Jorge (*hesitante*) – Estou...?

Carlos *(na direção do corredor por onde Pedro desapareceu)* – Espero que não seja outra vez o ginecologista a anunciar que afinal são gémeos...

Jorge – Sim, estou a ouvir... Têm a certeza? Está bem. Não, não se preocupem. Obrigado, fico à espera de novidades...

Carlos – Que foi?

Jorge – Era a equipa de apoio psicológico...

Carlos – Então?

Jorge – Encontraram sobreviventes... A Alice pode estar entre eles...

Carlos – Que maravilha! Estás a ver? Imagina que tinhas saltado num momento de desespero...

Pedro regressa.

Pedro – Sim, ainda torcia um tornozelo...

Carlos – Vá, sai daí... *(Para Pedro.)* Ligaram do apoio às famílias. Encontraram sobreviventes...

Pedro – Eu sei...

Carlos – Ouviste?

Pedro – Fui eu que telefonei.

Carlos – O quê?!

Pedro – Tinha de arranjar maneira de o fazer sair dali...

Jorge regressa à sala.

Jorge – Tens razão. Tenho de acreditar. Sinto que a Alice está viva. Tenho a certeza...

Carlos lança um olhar assassino a Pedro.

Carlos – Não te entusiasmes já... Como é que sabem que a Alice pode estar entre os sobreviventes?

Jorge – Avistaram uma mulher agarrada a uma mala, a gritar «Jorge! Jorge!»...

Carlos fulmina Pedro com outro olhar.

Jorge – Como é que sabiam o meu nome?

Carlos – Também gostava de saber...

Pedro – Pronto, vou fechar a janela. E tu não o deixes aproximar-se outra vez, está bem?

Carlos – E se a verdadeira equipa de apoio ligar? Que é que lhe dizemos?

Pedro – Deve haver mais passageiras cujos maridos se chamam Jorge. E nem falo dos amantes...

Jorge – Esqueci-me de pedir o número de telefone. Queria perguntar se posso ir até lá ajudar nas buscas. Vou ligar de volta para o último número...

Carlos (*categoricamente*) – Eu, no teu lugar, não fazia isso...

Jorge fica surpreendido.

Carlos – Devem estar afogadíssimos em trabalho. Assim que souberem alguma coisa, voltam a ligar-te...

Pedro – Tenho mesmo de falar contigo.

Carlos – Diz lá...

Pedro – A sós...

Carlos – Não podemos deixá-lo sozinho. Imagina que a polícia liga a dizer que a Alice morreu e ele volta a trepar à varanda?

Pedro – Então vamos nós para a varanda!

Carlos – Desiludes-me, Pedro. A sério. Julgava que te importavas mais com os teus amigos. Estamos a falar do Jorge, teu colega do liceu! E da Alice, a minha melhor amiga! Foram as nossas testemunhas de casamento. Podemos perder uma noite para o apoiar numa tragédia destas!

Pedro – Ganhámos o Euromilhões.

Carlos – Quanto?

Pedro – Sessenta milhões.

Jorge – Acho que bebia outro copo de vinho. Com tantas emoções...

Carlos (*seco*) – Já sabes onde está o decantador, não sabes? Ou queres que te traga a caixa do vinho e uma palhinha?

Jorge fica magoado.

Jorge – Pronto, acho que é melhor ir-me embora. Já vos incomodei bastante...

Carlos recompõe-se.

Carlos – Desculpa, não era nada disso que eu queria dizer. (*Volta a encher-lhe o copo.*) Estamos todos com os nervos em franja... E tu precisas de comer alguma coisa, senão ainda te sentes mal... (*À parte, para Pedro, enquanto Jorge bebe.*) Acho que podemos despachar a tua tarte de alcachofras...

Pedro vai até à cozinha.

Carlos – Nós também gostávamos muito dela. Claro que estamos transtornados com a morte da Alice... Quero dizer, com a hipótese de ela ter morrido. Mas temos de seguir em frente, não é? Só se vive uma vez.

Pedro volta com uma fatia de tarte e entrega-a ao Carlos.

Carlos (*entregando o prato a Jorge*) – Temos de aproveitar as coisas boas da vida...

Jorge prova um bocado da tarte.

Jorge – Até é boa... O que é?

Carlos (*hipócrita*) – Foi o Pedro que fez. É de quê, mesmo...?

Jorge (*de boca cheia*) – Desde que não seja de alcachofras... É a única coisa a que sou alérgico. Já nem me lembro do sabor. A última vez que comi alcachofras, em casa da minha avó, acabei nas urgências...

Os outros dois trocam um olhar de horror.

Jorge – A vantagem das alcachofras é que não há maneira de as comer sem dar por isso...

Carlos arranca-lhe o prato das mãos.

Carlos – Se calhar passamos já à sobremesa...?

Jorge parece estar a sentir-se mal.

Jorge – Acho que vou vomitar... Normalmente não me acontece, sobretudo com coisas tão boas... Deve ser do choque...

Jorge afasta-se em direção à casa de banho. Assim que desaparece, Carlos deixa explodir a alegria.

Carlos – Tens a certeza?

Pedro (*mostrando o cartão*) – Os números da minha inscrição no centro de emprego! Saíram todos! Acabaram de os anunciar no rádio! Não ouviste? Sessenta milhões! Podemos comprar um Airbus! Talvez em segunda mão, mas em bom estado...

Carlos – Isto é de loucos!

Pedro enche dois copos de vinho e entrega um ao Carlos para brindarem.

Pedro – Anda, prova uma última vez este vinho barato. Memoriza o sabor, porque nunca mais voltas a bebê-lo...

Brindam.

Carlos – É inacreditável... Não estás a gozar comigo, pois não?

Pedro – Também me custa acreditar. Mas já confirmei três vezes os números. Somos nós! Ganhámos o primeiro prémio do Euromilhões, numa sexta-feira 13!

Jorge regressa.

Carlos – Nem imaginas o que acabámos de saber!

Jorge – Ligaram outra vez? É ela? Está viva?

Pedro (*embaraçado*) – Ainda... ainda não sabem...

Carlos – Mas viram uma mala muito parecida com a dela. Uma Louis Vuitton, a boiar...

Jorge – Então qual é a boa notícia?

Carlos – Pois... Essa... (*histérico*) Podemos recuperar a mala!

Pedro tenta acalmar Carlos com um gesto.

Pedro – Desculpa-o. São os nervos...

Jorge – Têm razão. Esta espera é insuportável. Mesmo que esteja viva, só de a imaginar sozinha, agarrada à mala, no meio do canal da Mancha, em pleno inverno... E nós aqui tão quentinhos... Até se me gela o sangue nas veias... Aliás, aqui também não está propriamente quente, pois não? Ou serei eu...

Pedro (*lançando um olhar cúmplice ao Carlos*) – Já podemos voltar a ligar o aquecimento, não é? Vou pô-lo no máximo...

Pedro sai para ligar o aquecimento.

Jorge – Quanto tempo achas que se aguenta na água gelada do canal da Mancha, em dezembro?

Carlos – Depende... Ela era friorenta, não era?

Jorge – Meu Deus...

Pedro regressa.

Pedro – Pus o termóstato nos vinte e cinco. (*Pisca o olho a Carlos.*) Assim, se formos de repente para os trópicos, não sofremos o choque térmico...

Jorge – Vão de férias...?

Pedro – Não, mas... Porque não?

Jorge – Se fosse a vocês, evitava os aviões...

Carlos – Pois, é melhor não arriscar. E uma boa estadia num hotel com spa no Douro também não era má ideia... Para começar uma vida nova com o pé direito...

Jorge – Fazem bem em querer aproveitar. A vida dá cada volta... Uma pessoa vai jantar com amigos numa sexta-feira e, sem mais nem menos, fica viúvo...

Carlos – Sim... Ou multimilionário!

Jorge – Não tínhamos dinheiro para um seguro de vida, imaginem. E é estranho, porque ela andava a falar nisso... Para pagar os estudos dos miúdos, se lhe acontecesse alguma coisa... Devia pressentir alguma coisa...

Pedro – Pois. A nós apanhou-nos completamente de surpresa. Caiu-nos em cima assim, de repente...

Carlos (*para Jorge*) – Vá, ainda não está tudo perdido...

Pedro – É um choque. Temos de saber lidar com isto...

Jorge – Vocês têm?

Carlos – Temos o quê?

Jorge – Um seguro de vida! Uma apólice que pague em caso de morte...

Pedro – Temos uma coisa ainda melhor, acredita.

Jorge – Juro-te que, se ela se safar, vou começar a viver de outra maneira...

Carlos – Nós também, podes crer.

Jorge – Passamos a vida a fazer sacrifícios, a pensar que um dia vamos aproveitar... Mais valia viver o presente, sem pensar tanto no amanhã...

Pedro – Tens razão. Amanhã deixo de trabalhar.

Jorge – Mas eu julgava que estavas desempregado...

Pedro – Pois. Deixo de procurar emprego.

Jorge – Só que temos de ganhar a vida. E pôr algum de lado. Com as reformas que nos esperam... Ai, meu Deus! A Alice não vai dar grande despesa à Segurança Social...

Carlos – Não digas isso...

Jorge – Como é que vou criar os miúdos sozinho...?

Carlos – Estamos cá nós, não estamos, Pedro? Se quiseres, podemos ficar com um deles, para te aliviar um bocadinho!

Pedro (*pouco entusiasmado*) – Pois, talvez...

Jorge – São uns queridos, mas... Já vos devemos mil euros...

Carlos – Sabes uma coisa? Esquece os mil euros. Não nos vão fazer falta, pois não, Pedro?

Pedro – Claro que não... Podem esquecer a dívida...

Jorge (*emocionado*) – É tão bom saber que tenho amigos como vocês... Sei bem o que representam mil euros para vocês, nesta altura. Com o Pedro desempregado... Se pedisse ao banco, não sei se mos emprestavam. Eles fazem fortunas à nossa custa... E vocês nem sequer têm dinheiro para aquecer a casa em dezembro... A não ser quando recebem visitas... Aliás, agora até está quente demais, não está? Não quero que gastem uma fortuna em aquecimento por minha causa...

Pedro – Vou baixar um bocadinho...

Pedro ausenta-se novamente durante alguns segundos.

Jorge – Como vou contar isto às crianças...?

Carlos – Por enquanto estão a dormir, não estão?

Jorge – Um dia têm de acordar...

Carlos – Talvez não devesse dizer isto, mas custa-me acreditar que ela morreu. Não hoje...

Jorge – Porquê não hoje?

Carlos – Não sei... Como disseste há bocado do teu pai: morreu precisamente no dia em que nasceu o teu filho, só para te chatear.

Jorge – Achas que a Alice escolheu despenhar-se num avião justamente esta noite para nos estragar o jantar?

Pedro regressa.

Carlos (*mudando de assunto*) – E se ligássemos a televisão para confirmar...? É a hora dos resultados do Euromilhões... Quer dizer, vêm as notícias logo a seguir...

O telemóvel de Jorge toca e Carlos detém-se a caminho da televisão. Jorge hesita, petrificado, mas acaba por atender.

Jorge – Estou...? Sim, sou eu... (*Para Pedro e Carlos.*) São eles! Do apoio às famílias... Sim... Estou a ouvir...

Os outros dois ficam visivelmente contrariados.

Jorge – Mas tinham dito que... Está bem... Sim... Obrigado...

Desliga.

Jorge – Avistaram cinco sobreviventes agarrados a destroços... Talvez haja um sexto...

Pedro – A primeira estrela...

Jorge – Tentam resgatá-los de helicóptero, mas está mau tempo na Mancha... Ainda não sabem quem são.

Carlos – Ligam-te assim que acabarem o sorteio... Quero dizer, o salvamento!

Jorge – Têm razão, isto é uma lotaria. Uma espera horrível... Parece que joguei e estou à espera de saber se tive sorte...

Carlos – Também me perguntei isso quando casei com o Pedro... Enfim... Quantas pessoas iam no avião?

Jorge – Não sei... Era um avião pequeno... Faro–Porto... Mesmo com aquelas escalas todas...

Pedro – Digamos cem. Se forem cinco sobreviventes, têm uma hipótese em vinte. Melhor do que no Euromilhões...

Jorge – Nunca tive sorte ao jogo...

Carlos – Sabes o que se diz: cem por cento dos vencedores fizeram uma aposta...

Jorge – Meu Deus... Ainda bem que vocês estão aqui, senão...

Carlos – Queres ir descansar um pouco no nosso quarto?

Jorge – E se telefonarem outra vez...?

Pedro – Pode demorar horas. Com a tempestade, um resgate destes é complicado... Nem sabem se conseguem tirá-los vivos da água. A dois ou três graus, imagina...

Jorge – De qualquer maneira não consigo dormir.

Carlos – Posso dar-te um comprimido para dormir.

Jorge – No estado em que estou, não deve chegar...

Carlos – Toma dois ou três. São fraquinhos...

Jorge – Obrigado, mas não quero ficar-vos com o quarto...

Carlos – Nós também não vamos conseguir dormir, portanto...

Jorge – Obrigado... Nunca pensei que o desaparecimento da Alice vos afetasse tanto... *(Olha para o telemóvel.)* Bolas, pus isto em silêncio. Foi automático... Vou ver se deixaram mensagem...

Afasta-se para consultar o correio de voz.

Pedro *(para Carlos)* – Nunca mais nos livramos dele...

Jorge – Não, nada...

Carlos – Mas ainda só passaram cinco minutos desde a última chamada...

Pedro – E, entre nós... Uma hipótese em vinte... É melhor começares a preparar-te para o pior, não?

Jorge – Mas ainda há pouco disseste que...

Carlos – Não queremos alimentar falsas esperanças, pois não, Pedro?

Pedro – É preciso admitir que a coisa está a ficar preta...

Carlos – O que o Pedro quer dizer, à maneira dele, é que, se a Alice morreu, mais cedo ou mais tarde vais saber. Não era melhor deitares-te? Queres que te chame um táxi?

Jorge – Vim de carro, no jipe.

Carlos – Ah, pois é...

Jorge – Não estou em condições de conduzir.

Pedro e Carlos trocam um olhar exasperado.

Jorge – Mas tens razão. Vou descansar no vosso quarto. Não vou dormir, mas preciso de estar sozinho...

Pedro – Sim, nós também... Quero dizer, claro, compreendemos perfeitamente, não é, Carlos?

Jorge – Então vou...

Carlos – Claro...

Jorge sai. Pedro e Carlos observam-no, compungidos, e assim que desaparece explodem de alegria.

Pedro – Foda-se! Sessenta milhões!

Jorge regressa. Ambos ficam imóveis.

Jorge – Esqueci-me do telemóvel...

Jorge volta a sair.

Carlos – Enquanto não vir o boletim premiado, não acredito. Mostra lá...

Pedro – Vou buscá-lo... *(Dá um passo.)* Merda, está no quarto. Pode ser que ele adormeça e nos deixe em paz. Não o vou incomodar agora... E se abrissemos o champanhe que trouxe, enquanto esperamos? Para festejar...

Carlos – No quarto? Não o vi. Não perdeste o boletim, pois não? Imagina que caiu da mesa de cabeceira e foi parar ao aspirador. Mudei-lhe o saco ontem e deitei o lixo fora de manhã...

Pedro – Não te preocupes. Está bem guardado. *(Vai abrir a garrafa de champanhe.)* Vou tentar não fazer barulho com a rolha, para não o acordar...

Carlos – Bem guardado? Onde?

Pedro – Na minha mala. Em cima do roupeiro, no bolso de dentro... Nem me lembrei de o tirar quando voltámos de Aveiro. Até me tinha esquecido de que tinha jogado...

Carlos – Queres dizer a tua mala Louis Vuitton?

Pedro – Sim, a minha mala. Não me digas que também aspiraste o interior... *(Repara no embaraço de Carlos.)* O que é?

Carlos – A Alice não tinha mala para ir a Faro... E o Jorge perguntou se lhe podíamos emprestar uma...

Pedro deixa escapar a rolha, que salta com um estrondo.

Pedro – Emprestaste-lhe a minha mala?! Deixaste-a apanhar aquele avião de saldo com a minha Louis Vuitton?!

Carlos – Lembro-te que era uma Vuitton falsa. Uma imitação que comprámos nas férias, em Espanha...

Pedro – Com o nosso boletim de sessenta milhões lá dentro! Com esse dinheiro comprávamos a própria fábrica das malas!

Jorge regressa.

Jorge – Ouvi um estrondo, acordei... *(Olha para as caras deles.)* Mas vocês estão tão pálidos... Souberam alguma coisa? São más notícias e não têm coragem de me contar?

Pedro – Pode dizer-se que sim...

Jorge – Meu Deus!

Carlos – Não, não é da Alice que se trata...

Pedro – Mais ou menos...

Carlos – O Pedro não sabia que te tinha emprestado a mala dele. Ficou muito abalado... Emocionalmente, claro. Imaginar a nossa melhor amiga, no meio da Mancha, agarrada à sua mala, com tubarões a rondar...

Jorge – Há tubarões no canal da Mancha?

Carlos – Não sei, suponho que sim...

Jorge – Meu Deus, é verdade, a mala... Já vos devemos mil euros que não conseguimos pagar e agora perdem também a Louis Vuitton. Felizmente era falsa...

Carlos – Mas ainda há esperança, não é? (*Olha para Pedro.*) De encontrarem a Alice... com a mala.

Pedro – Achas?

Carlos – Uma mala flutua muito melhor do que um cadáver! Repara nas imagens dos acidentes de avião. O que é que fica a boiar? As malas!

Pedro – Se não pesarem demasiado...

Carlos (*para Jorge*) – A mala dela estava muito cheia?

Jorge – Passou só uma noite num hotel em Faro, por isso não levou muita coisa...

Os outros dois recuperam um pouco de esperança.

Jorge – Tirando os catálogos de vendas, claro. Aquilo pesa uma tonelada. Mal consegui levantar a mala para a meter na bagageira do carro. Ainda bem que tinha rodas. Estas imitações até são bem feitas. Têm razão, para quê gastar tanto dinheiro numa verdadeira? Mas porque é que querem saber o que levava na mala?

Carlos – Porque, se a mala boiar, a Alice pode agarrar-se a ela. Como se fosse uma boia...

Jorge – Àquela? Mais valia agarrar-se a uma bigorna. E as malas vão no porão, não vão? Afundam-se com o avião...

Pedro lança a Carlos um olhar assassino.

Carlos – Às vezes conseguem localizar o avião e trazer os destroços à superfície. Para encontrar as caixas negras, descobrir o que aconteceu e recuperar as malas... Quer dizer, os corpos... Para as famílias poderem fazer o luto...

Pedro – Achas?

Carlos – Claro! Não sei porquê, mas ainda tenho esperança. Não é, Jorge?

Jorge – Pois, enfim...

Carlos – Hoje é sexta-feira 13, não é?

Jorge – Nunca percebi se uma sexta-feira 13 dá sorte ou azar...

Carlos – Estás a ver? As duas coisas!

Pedro (*para Jorge*) – Mas tens a certeza absoluta de que ela partiu com a mala?

Jorge – Com a companhia aérea? Infelizmente, sim. Fui eu que comprei o bilhete pela Internet...

Pedro (*histérico*) – Com a minha mala, porra! Com a porra da minha mala!

Jorge fica desconcertado. Carlos pede a Pedro, por gestos, que se acalme.

Jorge – Bem, acho que me vou embora. Vou dormir a casa da minha mãe. Assim, quando os miúdos acordarem, estou com eles. E se souber alguma coisa, boa ou má, digo-vos logo. Prometo.

Pedro – Sessenta milhões... Sessenta milhões, porra! Digam-me que isto é um pesadelo...

Carlos (*para Jorge*) – Pois, talvez seja melhor...

Jorge – Pronto, vou deixar-vos descansar...

Pedro – Achas mesmo que vamos conseguir dormir depois disto?!

Jorge – Telefono-vos amanhã de manhã. Acabam por saber tudo, mais cedo ou mais tarde... E eu também. Tens razão, Carlos, isto pode levar horas. Vou tomar um comprimido para dormir quando chegar a casa da minha mãe...

Pedro – Não! Nós queremos saber já! Não é, Carlos? Não vamos ficar aqui à espera como uns parvos!

Jorge – Fico tão comovido por ver que estás assim tão transtornado... Sabia que a Alice era tua amiga, mas não imaginava que o desaparecimento dela te afetasse tanto...

Pedro – Vou ligar outra vez a televisão...

Locutor (*voz off*) – Os números premiados são...

Pedro – Sim, pronto, já percebemos...

Jorge (*preocupado, para Carlos*) – Se calhar devias dar-lhe um calmante a ele também...

Pedro muda de canal.

Locutor (*voz off*) – Está confirmado: não há sobreviventes do acidente do avião da Voe Connosco para o Paraíso. As pessoas que foram avistadas agarradas a destroços, inicialmente tomadas por sobreviventes, eram afinal migrantes sem documentos que tentavam chegar a Inglaterra a nado. Foram imediatamente colocadas num voo charter de repatriamento. Um charter da mesma companhia aérea, aliás. Esperemos que tenham uma boa viagem... Entretanto, continua por identificar o vencedor dos sessenta milhões do Euromilhões...

Pedro desliga a televisão, arrasado.

Pedro – Porra... Nem um sobrevivente...

O telemóvel de Jorge toca. Ele olha para o ecrã.

Jorge – Se for a minha mãe, não atendo...

Pedro – A minha Louis Vuitton...

Jorge – É ela...

Carlos – Ela quem?

Jorge – A Alice. Está aqui o número do telemóvel dela...

Carlos – Não pode ser...

Pedro (*espantado*) – Que operadora é que tu tens?

Carlos – Vá, atende!

Jorge, lívido, atende.

Jorge – Estou...?

Pedro e Carlos aguardam, suspensos de cada palavra.

Jorge – Alice? Mas de onde é que me ligas? Mal te ouço... Parece que estás do outro lado do mundo...

Pedro – Pois... E disseram que não havia sobreviventes...

Jorge – E tu, ouves-me? Alice? Estou...? Estou...? (*Volta-se para os outros, dramaticamente.*) A chamada caiu...

Um silêncio de morte.

Carlos – Tens a certeza de que era ela?

Jorge – Não sei... A ligação estava péssima...

Pedro – Não admira...

Jorge – Mas era o número dela. Vi bem...

Pedro – O número certo...

Carlos – Pode ter sido projetada para fora do avião... e agarrar-se a alguma coisa...

Pedro – À mala...

Carlos – E ligou-te com o resto da bateria.

Jorge – Meu Deus... Tinham dito que não havia sobreviventes... Eu já estava a começar a habituar-me à ideia...

Carlos – Os milagres acontecem.

Pedro – Um milagre... Só falta conseguirem encontrá-la antes que os tubarões a comam...

Jorge – Imaginem a Alice, com esta tempestade, sozinha no meio do Atlântico...

Pedro – Da Mancha.

Carlos – E o canal da Mancha nem é muito grande...

Jorge – A meio da noite, agarrada à tua mala, perdida naquele oceano...

Pedro – No canal da Mancha, já te disse!

Jorge – Pode ter ido à deriva... Como é que a vão encontrar?

Pedro – É como procurar uma mala num palheiro...

Jorge – Vou tentar voltar a ligar-lhe. Mesmo que tenha pouca bateria, talvez consiga explicar onde está. Isso ajudava nas buscas...

Carlos – E se ela estiver perdida no meio do Pacífico...

Pedro – Na Mancha, porra!

Jorge marca o número e espera, ansioso.

Jorge – Está a chamar... Meu Deus, o correio de voz. Parece que estou a ouvir uma voz do além... Alice, sou eu. Se ouvires esta mensagem, quero que saibas que te amo muito. E os miúdos também. Aguenta-te, Alice. Por mim. Pelos teus filhos. E por ti também, claro. Aguenta até te encontrarem. Um beijo enorme, querida...

Pedro e Carlos trocam um olhar comovido.

Jorge – Também queria confessar-te uma coisa, Alice. Para ficar de consciência tranquila. Talvez não volte a ter oportunidade. Traí-te uma vez. Só uma vezinha. Mas não significou nada, juro... Foi com a minha dentista. E agora que sei que vou ser pai... Ah, pois, esqueci-me de te contar: o teu ginecologista telefonou. Estás mesmo grávida, Alice! Por isso tens de aguentar! Um beijo enorme, meu amor.

Jorge desliga, transtornado. Os outros dois trocam um olhar consternado.

Carlos – Se isto não lhe der forças para aguentar...

Silêncio embaraçoso.

Pedro – O telemóvel...

Carlos – Não ouço nada.

Pedro – Não, o telemóvel da Alice! Com aquilo podem localizá-la! Temos de avisar os serviços de salvamento imediatamente. Ainda pode haver esperança de encontrar a mala... Quero dizer, de encontrar a Alice... Qual é o número deles?

Jorge (*entregando o telemóvel a Pedro*) – Tens aqui o número guardado.

Pedro carrega na tecla de remarcação.

Pedro – Merda, estou sem rede. Vou tentar na varanda...

Pedro sai.

Jorge – Não sei se fiz bem em dizer-lhe aquilo agora...

Carlos – Achas...?

Jorge – Foi há três meses, mais ou menos. Com a Nicoleta...

Carlos – Nicoleta?

Jorge – A minha dentista. É romena...

Carlos – E então?

Jorge – Fui lá para fazer um bridge...

Carlos – Jogas bridge com a dentista?

Jorge – Um bridge dentário! No consultório, quando ela se inclinou para mim, com o decote mesmo em frente à minha cara e a broca na mão...

Carlos – A broca...?

Jorge – Não sei o que me passou pela cabeça. Ou se foi por causa da anestesia...

Carlos – Podes dizer isso à Alice: que aquela mulher te anestesiou para se aproveitar de ti...

Jorge – Só que era anestesia local. Porque, no resto, garanto-te que senti tudo... Mais do que com a Alice, até...

Carlos – Está bem...

Jorge – E tu, nunca traíste o Pedro...?

Carlos – Nunca desde que nos casámos...

Jorge – Pois, mas só casaram há seis meses. Depois de quinze anos a viver juntos...

Carlos – Pois... E nós também estamos a tentar ter um filho, sabes?

Jorge (*perplexo*) – Ah, pois... Mas nesse caso...

Carlos – Com uma mãe de substituição, claro.

Jorge – Ah, percebo... Inseminação artificial, portanto.

Carlos – Por enquanto tentamos à moda antiga. Mas o ginecologista diz que há poucas hipóteses de resultar à primeira...

Jorge – Pois, imagino...

Pedro regressa, poupando Carlos a continuar a conversa.

Pedro – Já está. Vão tratar disso imediatamente e ligam-nos assim que houver novidades.

Carlos – Já vi fazer isso numa série policial. É fácil localizar uma pessoa pelo telemóvel. Em princípio é rápido. Bem, no meio do Atlântico talvez...

Pedro – Da Mancha.

Jorge – Meu Deus, nem sei se o meu coração aguenta tantas emoções... (*O telemóvel toca.*) Já?!

Carlos – Estás a ver?

Pedro – Então atende!

Jorge – Estou? Não, mãe, ainda não confirmaram a morte dela, desculpa... Não, não tenho a morada nova da tia Amélia. Não achas cedo para tratar das participações? Tenho de desligar, estou à espera de uma chamada importante... Sim, as flores. Faz o que quiseses, não me interessa! (*Desliga, furioso.*) A vida é tão injusta. Porque é que não foi a minha mãe naquele avião? (*O telefone toca de novo e ele atende, fora de si.*) Mas não me deixas em paz?! Ah, desculpe, pensei que era a minha mãe... Sim, claro, estou a ouvir... Não, garanto que não é brincadeira. A minha mulher ia naquele avião e... Está bem, obrigado. Telefonam se houver novidades?

Desliga, desorientado.

Jorge – Eram eles... Conseguiram localizar o telemóvel da Alice...

Carlos – E então?

Jorge – A chamada veio da estação de Faro...

Agora toca o telefone fixo. Carlos atende mecanicamente.

Carlos – Estou? *(Sem voz, passando o auscultador a Jorge.)* É ela...

Jorge pega no auscultador.

Jorge – Alice? Onde é que estás? Toda a gente te procura no meio do Atlântico! Não acredito! *(Para os outros.)* Ela perdeu o avião! Apanhou o comboio para o Porto!

Pedro – Deus existe...

Jorge – Mas não sabes o que aconteceu? *(Para os outros.)* Não sabe de nada! O avião que devias apanhar desapareceu sobre o canal da Mancha! Dizem que não há sobreviventes! Graças a Deus, é um milagre! *(Para os outros.)* Ficou fechada nas casas de banho do aeroporto de Faro durante duas horas, sem conseguir abrir a porta. Ainda foi a tempo de apanhar o Alfa Pendular da tarde... Também, com aquele terminal low cost, não se pode exigir um serviço de primeira classe... Está bem. Liga-me quando chegares a Campanhã, sim? Um beijo enorme, querida... *(Prepara-se para desligar, mas lembra-se de algo.)* Alice? Ouviste a minha mensagem? Não? Ótimo... Quer dizer, não tinha importância nenhuma. Podes apagá-la. Agora que sei que não morreste...

Jorge pousa o auscultador.

Jorge *(radiante)* – Agora podemos finalmente abrir o champanhe!

Pedro e Carlos ficam embaraçados: já abriram a garrafa sem ele. Mas estão igualmente radiantes.

Carlos – Que maravilha! Não é, Pedro?

Pedro – Tu recuperas a mulher e nós...

Carlos – Um amigo!

Pedro – A que horas chega a Campanhã?

Jorge – Daqui a uma hora... Finalmente acabou o pesadelo! Obrigado. Não sei como teria aguentado sem vocês... Bebemos o champanhe outro dia. Vou esperá-la à estação e voltamos para casa. Depois do que aconteceu, temos muito que conversar...

Carlos – Pois... Sobretudo se ela ouvir a tua mensagem...

Pedro – Nem pensar! Vamos festejar todos juntos, não é, Carlos?

Jorge – E pensar que ela foi a única a escapar... Imagino o desespero das outras famílias...

Pedro – A vida é uma lotaria! É preciso ter o número certo! É triste para os outros, mas paciência. O espetáculo tem de continuar! E, nervoso como estás, não vais conseguir estacionar o jipe em Campanhã a uma sexta-feira à noite. Vou voltar a ligar-lhe para vir de táxi diretamente para cá. Com a mala...

Jorge – Um táxi...? Não sei se temos dinheiro para isso...

Pedro – Mas nós temos! Não é, Carlos?

Carlos – Aliás, também temos uma boa notícia para vos dar. Agora já podemos contar. Diz tu, Pedro...

Quando Pedro se prepara para falar, o telefone fixo toca. Carlos atende.

Carlos – Estou...? Ah, Alice, ainda bem. Ia ligar-te para... *(O sorriso desaparece.)* Está bem, passo-te. *(Para Jorge.)* É a Alice. Ouviu a tua mensagem...

Jorge pega no telefone sem fios, lívido, e afasta-se para a varanda.

Jorge – Ouve, Alice, posso explicar tudo, está bem? E não fiques assim! Depois do que nos aconteceu, devias ver as coisas com outra perspetiva! Estiveste tão perto de morrer! O importante é estarmos os dois vivos! És uma sobrevivente, Alice!

Sai para a varanda, continuando a conversa.

Pedro – Foda-se... Só faltava esta...

Carlos – Agora não vai ser fácil convencê-la a vir cá beber champanhe...

Pedro – Imagina que ela descobre que foi traída e se atira ao Douro quando chega a Campanhã. Com a minha mala...

Jorge regressa com um ar arrasado.

Carlos – Então...?

Jorge – Não quer voltar para casa. Está a falar em divórcio...

Pedro – Ela pode ficar cá a dormir! Não é, Carlos? Já tem a mala feita...

Jorge – Ah, a mala... Pois... Mas isso não é o mais importante...

Os outros dois ficam alarmados.

Pedro – O quê?!

Jorge – A Alice perdeu o avião, mas a mala já tinha sido despachada... Com a confusão toda, a companhia não a retirou do porão. Infelizmente podem esquecê-la...

Pedro – Que idiota! *(Para Carlos.)* Diz-me que isto não é verdade!

Jorge – Ao menos não era uma mala verdadeira... As falsificações são ilegais, sabiam? Vi uma reportagem. Na alfândega, ela podia ter tido problemas...

Carlos – Para vir de Faro?!

Jorge – Com escala em Londres...

Pedro – Se ele não se for embora já, mato-o...

Jorge fica surpreendido com a reação de Pedro.

Jorge – Não te preocupes, compro-vos uma verdadeira, como prometi. É o mínimo que posso fazer...

Pedro – Pois! Com os mil euros que já nos debes...

Jorge – É melhor ir-me embora de vez. Já tivemos todas emoções que cheguem para um dia, não é, Carlos?

Carlos conduz Jorge cuidadosamente para a porta, afastando-o da fúria de Pedro.

Carlos – Vá, não te preocupes. Tudo se há de resolver. Liga-me amanhã, sim?

Jorge – Sim, vou dando notícias...

Jorge está quase a sair, mas volta-se mais uma vez.

Jorge – Afinal, qual era aquela boa notícia que iam dar-me?

Carlos empurra-o definitivamente para fora.

Carlos – Amanhã falamos...

Jorge sai. Pedro e Carlos ficam sozinhos, desabando no sofá. Silêncio pesado.

Pedro – Sessenta milhões de euros...

Carlos faz-lhe uma carícia.

Carlos – Vá, não é assim tão grave... O importante é estarmos vivos e juntos, não é?

Pedro descontrai-se um pouco.

Pedro – Tens razão...

Carlos – E para que é que precisávamos de sessenta milhões?

Pedro – Realmente, nem sei...

Carlos – Quem sabe se a nossa relação sobrevivia a uma tempestade dessas...

Pedro – E os nossos amigos? Ainda acabávamos zangados com a Alice e o Jorge...

Silêncio.

Pedro – Achas mesmo que, se tivéssemos ganhado sessenta milhões, acabávamos divorciados?

Carlos – O dinheiro sobe à cabeça... De repente, descobres que podes realizar todos os desejos que tinhas reprimido até aí...

Pedro – Pois é, a frustração é o cimento da vida a dois... Só de pensar que podíamos ter ficado milionários, até me arrepio...

Carlos – Pronto, agora passamos uma noite descansada. Só nós os dois, em frente à televisão...

Pedro – Sabes o que me fazia mesmo bem...?

Carlos (*cheio de esperança*) – Diz. Estou pronto para satisfazer todos os teus desejos. Para compensar... a perda da tua Vuitton falsa.

Pedro – Um documentário sobre animais. Sobre a reprodução dos dragões-de-Komodo, por exemplo...

O entusiasmo de Carlos arrefece.

Pedro – Sabes que os dragões-de-Komodo são dados a grandes orgias? A fêmea acasala com vários machos e os ovos podem guardar material genético de todos eles... Imagina o bebé da dentista: um bocadinho do Jorge e o resto de todos os outros pacientes da clínica...

Carlos – Ainda resta um pouco de vinho barato... Queres? É melhor habituarmo-nos outra vez...

Carlos serve dois copos enquanto Pedro liga a televisão.

Locutor (*voz off*) – ... Acabámos de localizar o voo 32 bis da Voe Connosco para o Paraíso, dado como desaparecido sobre o canal da Mancha. Ao que tudo indica, o piloto adormeceu aos comandos. Depois de fazer escala em Bruxelas e em Londres, em vez de aterrar no Porto, o avião prosseguiu inexplicavelmente para sul e acabou no Sara, onde teve de efetuar uma aterragem de emergência em pleno deserto por falta de combustível...

Pedro – Engraçado... Sabes que mais? Já nem sinto que isto tenha alguma coisa a ver comigo...

O telefone toca. Carlos levanta-se como um sonâmbulo para atender, enquanto Pedro fica colado à televisão.

Locutor (*voz off*) – Temos agora as primeiras imagens do aparelho, captadas por um avião de reconhecimento da Força Aérea mauritana...

Carlos – Estou...?

Locutor (*voz off*) – Ainda não temos informações sobre os passageiros no interior da fuselagem, mas nestas imagens de extraordinária nitidez distinguem-se perfeitamente dois camelos a brincar com uma mala...

Carlos – Não...! Está bem... Sim, sim... Pois... Obrigado, doutor...

Em estado de choque, Carlos desliga e volta para junto de Pedro.

Pedro – Quem era?

Carlos – O ginecologista da Alice... Confundi a ficha clínica dela com a da Lorena.

Pedro – Lorena?

Carlos – A Lorena, sim! Aquela cubana com quem fizemos um acordo para ser mãe de substituição! Já te esqueceste? Foste tu que te sacrificaste para ir para a cama com ela...

Pedro – E então?

Carlos – Não é a Alice que está grávida. É a Lorena! Vamos ser pais, Pedro!

Pedro (*sem acreditar*) – A sério...? O ginecologista dizia que, com o aspeto dos meus espermatozoides, só havia uma hipótese num milhão de resultar à primeira!

Carlos – Uma hipótese num milhão... Não te faz lembrar nada?

Pedro – Tens razão... É sexta-feira 13!

Escuro. Fica apenas acesa a grinalda luminosa da árvore de Natal. Ouve-se uma música evocativa da Natividade.

Fim

FINAL ALTERNATIVO PARA QUATRO PERSONAGENS (ALICE)

Pedro não chega a reagir: a campainha da porta toca.

Pedro – Se for outra vez ele, deixa-o entrar. Desta vez sou eu que o atiro pela janela...

Carlos vai abrir, apesar de tudo.

Carlos (*surpreendido*) – Olá, Alice! Correu bem a viagem? Quer dizer... Já nem contávamos contigo...

Alice (*sombria*) – Não venho incomodar?

Carlos – Claro que não! Onde foste buscar essa ideia?

Pedro – A esta altura já tanto faz...

Alice entra, completamente ausente.

Alice – Ah, Pedro, também estás cá...

Pedro – Pois estou. Por acaso até moro aqui...

Alice – Sei que é tarde. Mas com tudo o que me aconteceu...

Pedro – Enfim... Não foi o teu comboio que acabou no meio do Sara, pois não?

Alice – Estou a falar do Jorge. Ainda não consegui recuperar do choque.

Carlos – Lamentamos imenso, Alice. Não é, Pedro?

Pedro – Hum...

Carlos – Anda, senta-te. Queres beber alguma coisa?

Pedro – Arsénico? Estricnina...?

Carlos serve-lhe um copo de vinho barato.

Carlos – Gelo...?

Alice não responde. Senta-se e esvazia o copo sem pestanejar, para espanto dos outros dois.

Pedro – Está mesmo mal. Já nem reage a este vinho...

Alice – Dez anos de casados! Conseguem imaginar? Nunca pensei que o Jorge me fizesse uma coisa destas...

Carlos – Vá, não achas que estás a dramatizar um bocadinho...?

Pedro – Acabou de descobrir que foi traída...

Carlos – Detesto essa palavra...

Alice – Julgamos que conhecemos as pessoas, e depois...

Carlos – Toda a gente pode cometer um erro...

Pedro – Mas ir para a cama com a dentista... E no consultório, ainda por cima!

Carlos – O importante é que ele teve coragem de te contar. Não deve ter sido fácil...

Pedro – Foi sobretudo uma estupidez...

Carlos – Isso prova que confia em ti. E a confiança é essencial numa relação. Não é, Pedro?

Pedro – Pois, ele também julgava que ela estava morta...

Carlos – Vais ver que tudo se resolve...

Alice – Não sei. Preciso de algum tempo...

Pedro – Quanto tempo, mais ou menos? É que já é tarde e eu gostava de me deitar...

Carlos – O Pedro está a tentar dizer, à maneira dele, que tivemos um dia cheio de emoções. É natural precisares de tempo para pensar. Ficas a dormir no sofá e amanhã já vês as coisas com mais clareza...

Pedro – Não prometemos que estejam melhores. Só que as vês com mais clareza...

Alice – Obrigada. Sabia que podia contar convosco. É nas horas difíceis que se conhecem os verdadeiros amigos...

Pedro – Pois. Foi o que o teu marido nos disse a noite inteira...

Carlos – Vou buscar lençóis. Pedro, traz uma manta do armário...

Pedro e Carlos saem por instantes. Alice aproxima-se da varanda e inclina-se sobre o parapeito. Carlos regressa, vê-a e fica imóvel, convencido de que ela vai saltar.

Carlos – Alice, não!

Alice volta-se para ele, surpreendida.

Alice – Estava só a ver a vista...

Carlos – Meu Deus, assustaste-me! Pensei que...

Alice – Que nome estranho para um bar, Flamengo Rosa... É um bar belga?

Carlos – É... Mas é sobretudo um bar gay...

Pedro regressa com a manta e atira-a para o sofá.

Pedro – Também não vou tapá-la e dar-lhe um beijinho de boa-noite...

Alice lança-lhe um olhar ambíguo.

Carlos – Prometes que não fazes nenhuma asneira?

Alice – Prometo.

Carlos – Então vamos todos deitar-nos. Nós também tivemos um dia difícil...

O telefone fixo toca. Pedro atende.

Pedro – Estou...? Sim, está aqui... Passo-lho. (*Entrega o auscultador a Alice.*) É o Jorge. Quer falar contigo...

Alice pega no telefone, contrariada.

Alice – Sim... Ouve... Não... Não sei... Não... Falamos amanhã, sim? Preciso de uns dias para pensar. Consegues perceber?

Pedro (*alarmado*) – Uns dias...?

Alice – Pois, depois falamos...

Desliga.

Carlos – Tenho a certeza de que vão ultrapassar esta crise e que o vosso casamento até ficará mais forte!

Alice – Eu também fui para a cama com a dentista.

Carlos (*depois de um momento de hesitação*) – Estás a ver? Afinal não é assim tão grave...

Pedro olha para ele, estupefacto.

Carlos – Depois de tudo o que nos aconteceu hoje... Ainda agora estava a dizer ao Pedro: o essencial é continuarmos unidos, aconteça o que acontecer. Ultrapassar juntos as dificuldades... O dinheiro não é o mais importante numa relação!

Alice – Dinheiro?

Carlos (*para Pedro*) – Contamos-lhe também? (*Pedro não reage, abatido.*) Olha, na mala que te emprestei para ires a Faro...

Alice – A Louis Vuitton falsa...

Carlos – Estava um boletim do Euromilhões...

Alice (*distráida*) – Ah, sim, um boletim...

Carlos – Descobrimos esta noite, na televisão, que tínhamos os números certos...

Alice – Quanto?

Pedro – Sessenta milhões.

Alice – Ah... Nada mau...

Carlos – Como deves calcular, nunca mais voltamos a ver esse boletim...

Pedro – A não ser que o camelo que ficou com a minha mala vá à Santa Casa levantar os sessenta milhões...

Carlos – Perdemos sessenta milhões... Mas vamos ter um bebé que já não esperávamos!

Alice – Um bebé?

Pedro – O teu ginecologista confundiu os nossos números de telefone. Não és tu que estás grávida: é a Lorena, a nossa mãe de substituição!

Pedro – Como diz o ditado: azar ao jogo, sorte ao amor...

Carlos – A boa notícia para ti é que não estás grávida daquele idiota que te traiu com a dentista...

Alice – Lamento imenso... Os sessenta milhões, quero dizer... No fundo, a culpa é um bocadinho minha...

Pedro (*ameaçador*) – Um bocadinho...?

Carlos – Acho que agora vamos mesmo dormir. Vens, Pedro?

Carlos arrasta Pedro para o quarto. Alice fica sozinha. Vai até à varanda, pensativa. Depois tira o telemóvel e marca um número.

Alice – Estou...? Não, não morri... Desculpe desapontá-la outra vez, sogrinha. Pode passar-me o Jorge? Obrigada... (*Pausa.*) Jorge? Sou eu, a Alice. Estive a pensar e... Sim, já, que queres? Costumas dizer que demoro uma eternidade a decidir-me. Por isso digo-te já: nunca te vou perdoar por me teres traído. Quero divorciar-me, Jorge. Sim, sei que sou uma desgraçada. Sei que a tua mãe já te tinha avisado... Está bem, amanhã o meu advogado envia-te os papéis do divórcio. Pois, vai dar uma volta também! Boa noite, Jorge.

Alice desliga, pensa por momentos e tira do bolso da blusa o boletim do Euromilhões. Observa-o.

Alice – Sessenta milhões... O Carlos tem razão... Ainda nem amanheceu e já vejo tudo de outra maneira... (*Caindo finalmente em si.*) Sessenta milhões de euros! (*A mão treme-lhe. O boletim escapa-se-lhe e cai no rebordo da varanda.*) Merda! Não pode ser... Porra!

Trepa nervosamente para o parapeito. De repente escorrega, solta um grito, perde o equilíbrio e fica imóvel numa posição que sugere o início da queda.

Escuro.

Como num sonho, ouve-se uma conversa previamente gravada.

Pedro – Que podemos nós fazer contra o destino...?

Carlos – Nada...

Pedro – É inacreditável...

Carlos – Pois é... Era a única que não ia naquele avião e, no fim, a Alice será a única vítima do acidente...

Pedro – Chamaste os bombeiros?

Carlos – Devem estar quase a chegar.

Pedro – Achas mesmo que se quis suicidar?

Carlos – Ninguém cai assim de uma varanda por acaso...

Pedro – Se ao menos tivesse sido ela a pintar aquele quadro... Ainda podia esperar que valorizasse.

Ouve-se uma sirene de ambulância a aproximar-se.

Carlos – Aí vêm eles... Vão finalmente dizer-nos se a Alice morreu mesmo. Afinal, estamos só no primeiro andar...

Pedro – Parece bastante morta, não parece?

Carlos – Os milagres acontecem...

Pedro – Pois... É sexta-feira 13!

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Paris - Décembre 2016
© La Comédiathèque - ISBN 978-2-37705-070-3

Documento para download gratuito